

ANÁLISE LITERÁRIA DO CAPÍTULO IV DO ROMANCE “O RISCO DO BORDA- DO”, INTITULADO “AS VOLTAS DO FILHO PRÓDIGO”, DE AUTRAN DOURADO

Raquel Naveira*

1. Primeiro que tudo, localizemos a narrativa que tomamos para matéria de análise: trata-se do capítulo IV, intitulado “As Voltas do Filho Pródigo”, pertencente ao romance *O Risco do Bordado* de Autran Dourado, publicado pela Livraria Francisco Alves Editora, no Rio de Janeiro, em 1970.

Autran Dourado nasceu em Patos, Minas Gerais, em 1926. Viveu e foi educado na pequena cidade de Monte Santo, no mesmo Estado. Formou-se em Direito, em Belo Horizonte, onde morou até 1954. Vem publicando contos, romances e ensaios desde 1947. Escreveu *Ópera dos Mortos*, romance escolhido pela UNESCO para integrar a sua Coleção de Obras Representativas da Literatura Universal e ainda *A Barca dos Homens*, *Uma Vida em Segredo*, *Monte da Alegria*, *Os Sinos da Agonia*.

O romance *O Risco do Bordado*, conforme classifica Alfredo Bosi, no livro *História Concisa da Literatura Brasileira*, é um romance de “tensão crítica”, em que o herói opõe-se e resiste agonicamente às pressões da natureza e do meio social, fazendo a passagem do puro psicológico ao experimental”. Conta a história de João que, depois de uma ausência

* Professora do Departamento de Letras da Universidade Católica Dom Bosco e escritora. Mestranda em Comunicação e Letras pela Universidade Mackenzie de São Paulo.

de muitos anos, homem feito, volta à cidade mineira de Duas Pontes e vai enriquecer as lembranças no contato com antigos moradores, outrora parte de seu círculo de relações. Desse modo passa a conhecer a versão adulta ou a continuidade de suas histórias infantis – e aprende então por inteiro o risco do bordado, aquele traçado que só se torna completo no confronto entre as múltiplas visões sobre um mesmo fato.

Nesse romance, as reminiscências do menino João seguem o ritmo da memória. A narrativa move-se à força de seus monólogos interiores. Daí as idas e vindas, as associações e rupturas, em contraste com o enfoque dos adultos, em sua tentativa de organizar tanto o discurso quanto a veracidade do que ocorreu. As narrativas iniciais parecem independentes e podem até ser lidas como contos. É o que acontece com o capítulo “As Voltas do Filho Pródigo” que analisaremos neste trabalho, como se fosse um conto independente dentro de um dos eixos temáticos principais do romance: as histórias de família, com seus segredos sutilmente deslindados.

A análise de qualquer obra em prosa centra-se nos seguintes aspectos: a ação (o assunto, o enredo), o tempo, o espaço, as personagens, o foco narrativo, a linguagem e os recursos técnicos da estrutura textual (narração, descrição, diálogo, informação). Vamos passar à análise do capítulo-conto seguindo sua própria evolução, a fim de mostrar como emergem os acidentes narrativos que conduzem a esses tópicos ou aspectos. Procederemos como se estivéssemos desvendando os “segredos” da história douradiana, na mesma ordem em que se estrutura. Proporemos caminhos de conclusões e juízos críticos.

2. O título do capítulo-conto, “As Voltas do Filho Pródigo”, remete-nos imediatamente ao texto bíblico, à parábola narrada no evangelho de São Lucas, capítulo XV, versículo 11 a 32. Trata-se de um exemplo perfeito de conto, cujo enredo caminha de forma tradicional: introdução, complicação (conflitos), clímax e desfecho. Um pai teve dois filhos. O mais moço pediu a ele sua parte na herança e partiu para uma terra distante, um país estranho, onde dissipou toda a sua herança numa vida dissoluta de prazeres. Depois de ter consumido tudo, passou a viver na miséria, comendo a lavagem dos porcos. Arrepentido, lembrou-se da bondade do pai, resolveu voltar, ainda que fosse para ser tratado como

um empregado. O pai, vendo-o de longe, cheio de compaixão, correu até ele, abraçou-o e beijou-o. Deu-lhe lindas vestes, sandálias, anéis e mandou preparar uma grande festa para comemorar o seu retorno.

O filho mais velho, que estava no campo, foi chegando e ouviu a sinfonia e o coro. Ficou cheio de ciúme e despeito pois, para ele, que sempre fora bom e obediente, o pai nunca havia matado um cabrito. O pai explicou que tudo o que era dele pertencia a esse filho que estava sempre a seu lado, porém, era necessário que houvesse um banquete para aquele irmão que estava morto e que reviveu, que estava perdido e que se achou.

A parábola da volta do filho pródigo é fascinante: o retorno, a busca da Casa do Pai, de nossa essência divina. A eterna odisséia: o homem é Ulisses, em meio a tempestade, obstáculos, aventuras, no mar da vida, sonhando em voltar a Ítaca, aos braços da fiel Penélope, às suas raízes familiares. A felicidade só se completa com a volta, com a maturidade, com os sentimentos maduros da gratidão e da valorização do que nos rodeia.

A primeira diferença que notamos no título da história douradiana é o plural “voltas”, “As Voltas do Filho Pródigo”. Percebemos que no capítulo-conto o filho pródigo volta, parte e retorna várias vezes, sem nunca tomar consciência total do valor dessa volta.

O capítulo-conto abre com o pressentimento do menino João de que “alguma coisa no ar dizia que (tio) Zózimo estava para chegar”. João é a personagem principal do romance. É a partir de suas memórias e recordações que se constrói a narrativa. João é a testemunha do presente; do passado que vai descobrindo aos poucos e que está no seu sangue; é a promessa do futuro, que pode ser de continuidade ou de ruptura com o passado. De qualquer forma, é preciso que João “percorra sozinho os passos que o levam ao conhecimento da dor”, para, conhecendo os segredos de sua família, conhecer-se a si mesmo.

Zózimo, tio de João, é o filho pródigo, o “navegador”, o “andejo”, que “arrastava a sua angústia e solidão – o seu deserto, as suas sandálias empoeiradas”. Um personagem trágico, complexo, insano, caminhando

para a loucura e a morte, espalhando amor, medo e tristeza ao seu redor.

Alfredo, o outro tio de João, é o filho que permaneceu junto à família. João percebeu que para tio Alfredo, Zózimo era “um espinho atravessado”, “uma dor funda no peito que a gente quer esquecer”, “um tumor maligno”. João aprendeu a “nunca dizer o nome de tio Zózimo”.

Interessante observar como cada um dos membros da família reagia à chegada de Zózimo. A mãe, vovó Naninha, era “quem mais sofria com as voltas do filho”, cheia de dor e ternura, vivia rezando, suplicando a Deus a cura e a conversão do filho. O pai, vovô Tomé, passava por “secarrão”, mas era apenas uma defesa, uma armadura, no fundo emocionava-se porque o “filho que ele dizia morto voltara”. A mãe de João tinha crises de “choro escondido” e tia Margarida, crises de “gagueira e histeria”. Alfredo fugia para a Fazenda do Carapina, “onde ficava até receber o aviso de que Zózimo tinha desanimado e ele podia voltar”.

Zózimo provocava, assim, uma revolução em sua família, a cada uma de suas voltas. A princípio, sentindo o silêncio pesado da casa, “gritava e berrava seu ódio contra os pais, contra o irmão, contra a cidade, contra o mundo”. Parecia “um bicho ferido de morte que busca a sua toca”. A família chamava o médico, Dr. Alcebiádes, pensava-se em interná-lo. Passado um mês, ele se acalmava e João observava o tio na rede: “era como se tivesse um bicho guardado lá dentro, feito bacorinho no fundo do saco”.

De repente, o esquizofrênico Zózimo ficava como que curado, falante, alegre. Assobiava, tomava banho, abraçava João, distribuía presentes, saía pelas ruas da cidade cumprimentando a todos “como um deputado”.

Como na parábola do filho pródigo, prepara-se então uma festa, um banquete em comemoração a mais uma volta de Zózimo: “sequilhos”, “brevidades”, “broinhas de fubá”, “a compoteira se enchia de doces de calda”, “mandavam vir da roça as frutas do mato”.

Alfredo vinha da fazenda e Zózimo o tratava bem, como se fossem “amigos outra vez”. Neste ponto João suspeitava que tio Alfredo devia sentir um pouco de inveja daquela festança toda (“quando ele

vinha de Viçosa o máximo que vovó Naninha fazia era arroz doce”). Essa suspeita de João faz um elo intertextual com a passagem bíblica em que o irmão obediente sente ciúmes do irmão rebelde e cobra explicações do pai pela diferença de tratamento.

Aos olhos do menino João, tio Zózimo parecia “gente de circo”, rico, alma aventureira, que rodava o mundo. As histórias do tio Alfredo, seu curso de agronomia em Viçosa, eram acontecimentos pálidos e sem graça.

João achava tudo muito estranho: quando Zózimo resolvia ir embora, todos se alegravam, o choro era guardado para a volta.

Neste ponto termina a primeira parte do capítulo-conto “As Voltas do Filho Pródigo” que vai, portanto, desde a pressentida chegada de tio Zózimo pelo menino João até a sua partida, revelando um ciclo contínuo de idas e voltas.

Na segunda parte, o menino João tenta desvendar o mistério da orelha direita de tio Zózimo. “Eram umas orelhas muito estranhas”, “eram miúdas e duras, rentes à cabeça, refohudas, quase sem lóbulos”. O ouvido direito era “redondinho”, “sem pêlo”.

Zito, melhor amigo de João, um menino esperto, dono do cachorro Brinquinho, foi quem contou: “Olha, João, aquilo foi um tiro. Um dia seu tio sapecou um tiro no ouvido!”.

João ficou abalado com a descoberta de que tio Zózimo era doente, um homem com tendências suicidas e depressivas. Conhecia agora toda a verdade.

Começa então a preparação para o desfecho do capítulo-conto: a chegada de uma nova carta de Zózimo, uma carta boa, cheia de mensagens bonitas, que João entregara à avó Naninha, toda jubilosa da possível cura e volta do filho amado, que tanto a fizera sofrer, uma volta definitiva, para sempre.

João declara: “Tio Zózimo chegou, parecia um Santíssimo Sacramento de tanta gente em volta”. O menino resolve escrever sobre

a chegada do tio “numa carta fictícia (foi aí que começou o vício de fingir que escrevia para alguém imaginário)”. Percebemos aqui que o menino João iria, no futuro, se tornar escritor. João é o alter-ego do próprio Autran Dourado.

João pressentia na súbita mudança de comportamento do tio que havia alguma coisa errada: “uma nuvenzinha triste boiando”.

Zózimo avisa que vai partir novamente. A mãe se surpreende, “ele agora era um filho pródigo comum cuja partida enchia de tristeza o coração materno”.

No dia da partida do tio Zózimo, João veio cedo para a casa dos avós. Tio Zózimo havia desaparecido. Procuraram-no por toda parte, em vão. João entra no quarto do tio e vê um bilhete: “a quem interessar possa”. João, sem coragem de ler, entrega a carta ao avô, que grita e sai correndo. Zózimo é encontrado morto, enforcado, no quatinho de dispensa.

O capítulo-conto termina com a frase: “Quando o enterro de tio Zózimo saiu, tinha-se a certeza de que aquela era a sua última partida, ele não voltaria nunca mais”.

Essas expressões “última partida”, “não voltaria nunca mais”, tão pungentes e dolorosas, fazem-nos mais uma vez refletir sobre o texto bíblico. Talvez Zózimo tenha voltado definitivamente ao NADA ou ao TUDO; ao encontro com a pátria espiritual; à transcendência desesperada que ele buscava com seus “gestos inquietos”, com “seus olhos de tardinha fascinados pelo azul, perdidos nos longes das grandes distâncias”. Para Deus, que compreende e perdoa, era a volta (no singular) do filho pródigo.

Quanto a João, o menino-narrador-observador-escritor, é o começo do seu amadurecimento, da visão de si e do outro, da descoberta profunda de que em tudo há aparência e essência, elementos primordiais da própria ficção douradiana.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA SAGRADA. *O velho e o novo testamento*. Lisboa : Depósito das Escripturas Sagradas, 1915.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo : Cultrix, 1994.

DOURADO, Autran. *O risco do bordado*. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1970.

MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. São Paulo : Cultrix, 1991.